RESUMO EXPANDIDO - III. PESQUISA CIENTÍFICA RELACIONADA ÀS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E ASSISTENCIAIS

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ADOECIMENTO LABORAL: IMPLICAÇÕES DA SOBRECARGA DE PROFESSORES E PROFISSIONAIS DE SAÚDE NO PSE; SOCIAL REPRESENTATIONS OF OCCUPATIONAL ILLNESS: IMPLICATIONS OF WORK OVERLOAD ON TEACHERS AND HEALTH PROFESSIONALS WITHIN THE PSE; REPRESENTACIONES SOCIALES DEL ENFERMAR LABORAL:

Lisiane Da Cunha Martins Da Silva (lisicunha.martins@gmail.com)

Michele Mandagara De Oliveira (mandagara@hotmail.com)

Gilmar Guterres Ortiz (gilmarortiz@yahoo.com.br)

Poliana Farias Alves (polibrina1@gmail.com)

Helena Peter Pereira (helenap.enfermagem@gmail.com)

Leticia Camargo Galate Baptista (lecgb152@gmail.com)

Introdução

O Programa Saúde na Escola (PSE), instituído em 2007, articula a Saúde e a Educação para oferecer acompanhamento integral aos estudantes da rede pública, intervindo em desafios clínicos e sociais essenciais ao sucesso

pedagógico. Amparado pela Lei nº 14.819/2024, o suporte à saúde mental no PSE permite analisar as representações sociais de coordenadores sobre o bem-estar laboral, moldando o senso comum desses grupos sobre a saúde no trabalho.

Essa integração de diretrizes fomenta reflexões sobre as experiências de estresse, concretizando-se em redes de apoio cotidianas ou, na ausência delas, em manifestações de sintomas coletivos. Frente a esse cenário, o objetivo deste estudo é compreender as representações sociais sobre o adoecimento e a sobrecarga de trabalho de profissionais da saúde e da educação na implementação do PSE.

Metodologia

Este estudo constitui um recorte da pesquisa matriz “Representações Sociais de adolescentes, profissionais da saúde e educação sobre o Programa Saúde na Escola”, delimitado a partir da proeminência da categoria saúde mental e sobrecarga de trabalho. Adotou-se uma abordagem qualitativa fundamentada na Teoria das Representações Sociais (TRS). A investigação foi realizada em Pelotas/RS, abrangendo duas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e três escolas selecionadas por vulnerabilidade territorial. A amostra incluiu 15 participantes, sendo dois coordenadores de UBS e 13 gestores escolares. Os dados, coletados por entrevistas semiestruturadas, foram examinados via Análise de Conteúdo (Bardin, 2012) por meio de codificação e categorização. Em conformidade com as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (88875125.3.0000.5316).

Resultados e Discussão

A análise das falas dos coordenadores de saúde e educação evidencia que o adoecimento físico e mental é percebido como consequência direta da sobrecarga laboral, da pressão por indicadores de desempenho e da precariedade estrutural institucional.

“Então, você tem que dar conta de todos, o indivíduo na esfera total em todos os níveis do seu desenvolvimento, só que nem sempre a gente consegue (EU1). ”

“Ah, eles me respondem, só falta isso, ah, deixa para depois, vamos agendar outra data, essa data não dá. Pela prefeitura e tem que fazer ...Por causa dos Índices (EU2). ”

“Com relação ao mental, como nós tivemos essa mudança na instituição, que foi uma mudança drástica, nós ficamos com poucos funcionários agindo com um número bastante expressivo de crianças, então existem alguns desafios. Mas, às vezes, dá uma estafa porque não é fácil (EE2). ”

“É, a classe de profissionais tá bem adoecida. Os professores, eles têm uma demanda que não conseguem dar conta. Essa demanda profissional ela ultrapassa a educação, ela vai chegando numa demanda de assistência de saúde e o professor ele é uma classe que tenta atender todas as demandas e acaba adoecendo a si próprio (EE3). ”

|”O professor, a escola é um setor muito adoecido, o profissional de educação acaba adotando demandas que não lhe competem. a gente não tem formação para dar conta das demandas que chegam na escola, nossa formação é alfabetizar, fazer com que aluno se emancipe dentro de uma sociedade, fazer com que o aluno tenha autonomia, isso que a gente sabe fazer. Então, eu entendo que a saúde mental do professor, hoje, é um fator de risco para o funcionamento da escola e para o atendimento dessas crianças também. (EE4). ”

“Olha, é difícil essa pergunta, assim, porque, eh, o, o contexto escolar, assim, te, te deixa meio adoecida, né? Não, não pelas crianças, não pela, é, pelo contexto, assim, de, que as crianças trazem pra, pra gente, né, ...então, eu acho que o professor, o profissional da educação tá adoecido, né? E, e eu me incluo nesse, nesses, adoecido, assim, só que eu procuro nem pensar muito, né? Ali mesmo, no nosso grupo, eu sou a única que não toma remédio, por enquanto. Né? (EE5). ”

“ A gente, na verdade, não tem suporte nenhum, principalmente um suporte psicológico, que seria o essencial. Porque a gente tem uma demanda muito grande de coisas muito ruins que tem que lidar no dia a dia e aí, a gente acaba sendo a escuta, a gente acaba sendo o colo, a gente acaba sendo o abraço, mas aí, quem é que esse colo, quem é que essa escuta pra nós? E isso não é só a gente, enquanto equipe diretiva, é principalmente os professores em sala de aula, né? (EE6). ”

“A gente vive de atestado aqui na escola, os professores vivem de atestado, principalmente a questão da saúde mental e as doenças infecto-respiratórias, que é o que mais pega hoje em dia. Então, é seguido, agora mesmo estou com três professores ausentes de atestado, porque pegaram síndromes gripais, né? Então, é bem complexo, assim. E a questão da saúde mental também é bem forte (EE7). ”

“Tanto é que muitos professores se aposentaram, tá em uma fase em que as pessoas com mais idade se aposentaram. Então tanto é que a nossa rede, estamos com carência de professores, e os que ficaram ainda lutando voltaram para a sala de aula, mas cansados, estressados, doentes, tanto físico como mentalmente. Então é bem complicado, é uma rede doente, e isso acaba refletindo nos alunos, se tu não tá bem, tu vai pra uma sala de aula, um aluno briga com o outro, ou grita, não tem um controle emocional (EE8). ”

“Abaladas, abaladas, com uma estafa mental muito grande. Todo mundo tentando fazer o seu melhor. Quem trabalha na área da educação, hoje em dia, encontra um cenário, muito difícil de se lidar... Eu vejo hoje em dia que está todo mundo dando o seu melhor, mas parece que o melhor não é o suficiente ainda (EE9). ”

“Cansativo, porque tem muita coisa sabe? E a nossa estrutura, assim, da escola, às vezes a gente não consegue, eu acho que a gente faz milagre aqui, sabe? Porque às vezes a gente gostaria de oferecer uma estrutura melhor pra eles. Por exemplo, a gente precisava de mais salas de aula, a gente não tem um pátio adequado pra eles, a gente queria um ginásio, a gente queria trocar de prédio. Uma série de coisas, assim. Mas é cansativo, a gente cansa. Mas,

assim, a gente sai daqui realizado de ver coisas que poderiam ser muito melhores se a gente tivesse uma estrutura melhor (EE10). ”

“Eu acho um grande desafio assim, principalmente da educação ... Sem paciência também com os adolescentes. Acho que é uma coisa bem complicada (EE11).”

“...eles estão muito abalados psicologicamente, eles estão cansados, estão exaustos. Até a maioria deles falam essa parte que eu comentei, que é parte da saúde, os professores estão tendo que lidar com isso., então eles estão absorvendo muito essas questões dos alunos, e eles estão adoecendo mentalmente. Ah, nem sei se, assim, ó, grande maioria toma medicação para poder vir trabalhar. Inclusive eu. (EE12). ”

A organização categorial, ancorada nas Representações Sociais, revela que o sofrimento estrutural se desdobra em três dimensões: a sobrecarga por desvio de funções, em que o professor assume o papel de cuidador universal sob metas irrealizáveis; a precariedade da infraestrutura, que leva os profissionais a racionalizarem a negligência institucional como atos heroicos; e a medicalização da rotina, evidenciada pelo alto absenteísmo e dependência de psicotrópicos (Moscovici, 2012; Souza et al., 2026).

O adoecimento corporifica-se como reflexo direto da precarização laboral, convertendo as exigências de intersetorialidade em conflitos entre o acolhimento das demandas e a resistência política. Diante desse cenário, ações focadas no autocuidado, o fomento à auto eficácia e a ressignificação do propósito profissional consolidam-se como estratégias vitais de resiliência e preservação da saúde ocupacional (Souza et al., 2026a; Souza et al., 2026b).

Considerações finais

Os achados reiteram que as representações sociais de coordenadores de saúde e educação sobre saúde mental estão ancoradas na precarização laboral e nas pressões da intersetorialidade. O sofrimento psíquico exige superar medidas paliativas, integrando reformas organizacionais ao fortalecimento do auto eficácia e do propósito profissional. A ressignificação do ambiente de trabalho é essencial para converter resistências em acolhimento, consolidando

redes de apoio que protejam a subjetividade dos gestores e executores das políticas públicas.

Referencias:

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2012

BRASIL. Lei nº 14.819, de 16 de janeiro de 2024. Institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponível em: planalto.gov.br. Acesso em: 8 maio, 2026.

MOSCOVICI, S. A psicanálise, sua imagem e seu público. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, M. P. et al. Rastreamento de sofrimento mental entre profissionais da Atenção Primária à Saúde. Revista Eletrônica Interdisciplinar, Barra do Garças, v. 18, n. 1, 2026.a. Disponível em http://revista.univar.edu.br/rei/article/view/856/743.

SOUZA, A. L. O. et al. Entre a vocação e o desgaste: um estudo sobre a Síndrome de Burnout na trajetória profissional de docentes da rede municipal. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 12, n. 1, jan. 2026.b. DOI: doi.org. /10.51891/rease.v12i1.23855.

Introduction

The School Health Program (Programa Saúde na Escola - PSE), established in 2007, links Health and Education to offer comprehensive monitoring to public school students, intervening in clinical and social challenges essential to pedagogical success. Backed by Law No. 14,819/2024, mental health support within the PSE allows for the analysis of coordinators' social representations regarding occupational well-being, shaping the common sense of these groups regarding health at work.

This integration of guidelines fosters reflections on stress experiences, materializing into daily support networks or, in their absence, into manifestations of collective symptoms. Given this scenario, the objective of this study is to

understand the social representations of illness and work overload among health and education professionals in the implementation of the PSE.

Methodology

This study is an excerpt from the parent research project "Social Representations of adolescents, health and education professionals regarding the School Health Program," delimited by the prominence of the mental health and work overload category. A qualitative approach based on the Social Representations Theory (SRT) was adopted. The investigation was conducted in Pelotas/RS, covering two Primary Health Units (Unidades Básicas de Saúde - UBS) and three schools selected based on territorial vulnerability. The sample included 15 participants: two UBS coordinators and 13 school administrators. Data collected through semi-structured interviews were examined via Content Analysis (Bardin, 2012) through coding and categorization. In compliance with Resolutions No. 466/2012 and No. 510/2016, the research was approved by the Research Ethics Committee of the Faculty of Nursing at the Federal University of Pelotas (88875125.3.0000.5316).

Results and Discussion

The analysis of the health and education coordinators' statements shows that physical and mental illness is perceived as a direct consequence of work overload, pressure for performance indicators, and institutional structural precariousness.

"So, you have to take care of everyone, the individual as a whole at all levels of their development, but we can't always manage to do it (EU1)."

"Oh, they answer me, 'only this is missing,' 'oh, leave it for later,' 'let's schedule another date, this date won't work.' Through the city hall, you have to do it... Because of the indexes (EU2)."

"Regarding mental health, since we had this change in the institution, which was a drastic change, we were left with few employees dealing with a quite significant number of children, so there are some challenges. But sometimes, it causes burnout because it's not easy (EE2)."

"Yeah, the professional class is quite sick. Teachers have a demand that they cannot keep up with. This professional demand goes beyond education; it reaches a health assistance demand, and teachers are a class that tries to meet all demands and ends up making themselves sick (EE3)."

"The teacher, the school is a very sick sector; education professionals end up taking on demands that are not their responsibility. We don't have the training to deal with the demands that arrive at school; our training is to teach how to read and write, to make students emancipated within a society, to make students have autonomy—that's what we know how to do. So, I understand that the teacher's mental health today is a risk factor for the functioning of the school and for the care of these children as well (EE4)."

"Look, this is a difficult question because, uh, the school context leaves you kind of sick, right? Not because of the children, not because of, uh, the context that the children bring to us, right... so, I think the teacher, the education professional is sick, right? And I include myself among these sick ones, like, but I try not to think about it too much, right? Right there in our group, I am the only one who doesn't take medication for now. Right? (EE5)."

"We actually have no support at all, especially psychological support, which would be essential. Because we have a very large demand of very bad things that we have to deal with on a daily basis, and then we end up being the listeners, we end up being the shoulder to cry on, we end up being the embrace, but then, who is that shoulder, who is that listener for us? And this is not just us as a management team; it is mainly the teachers in the classroom, right? (EE6)."

"We live on medical leave here at school; teachers live on medical leave, especially regarding mental health and infectious respiratory diseases, which are what hit us the most nowadays. So, it's frequent; right now I have three teachers absent on medical leave because they caught flu syndromes, right? So, it's quite complex. And the mental health issue is also very strong (EE7)."

"So much so that many teachers retired; it's a phase where older people have retired. So much so that in our network, we are facing a shortage of teachers, and those who stayed behind still fighting returned to the classroom, but tired,

stressed, sick, both physically and mentally. So it's quite complicated; it's a sick network, and this ends up reflecting on the students. If you are not well and you go into a classroom, one student fights with another, or screams, you don't have emotional control (EE8)."

"Shaken, shaken, with a very large mental exhaustion. Everyone trying to do their best. Anyone working in the field of education nowadays finds a scenario that is very difficult to deal with... I see nowadays that everyone is doing their best, but it seems that the best is still not enough (EE9)."

"Tiring, because there is so much stuff, you know? And our structure, like, the school's structure, sometimes we can't manage; I think we work miracles here, you know? Because sometimes we would like to offer a better structure for them. For example, we needed more classrooms, we don't have a suitable courtyard for them, we wanted a gymnasium, we wanted to change buildings. A series of things like that. But it's tiring, we get tired. But, still, we leave here feeling fulfilled to see things that could be much better if we had a better structure (EE10)."

"I think it's a great challenge, especially in education... Running out of patience with adolescents too. I think it's a very complicated thing (EE11)."

"...they are very shaken psychologically; they are tired, they are exhausted. Even most of them mention that part I commented on, which is the health part; teachers are having to deal with this, so they are absorbing these student issues a lot, and they are falling mentally ill. Oh, I don't even know if, like, the vast majority take medication to be able to come to work. Including myself (EE12)."

The categorical organization, anchored in Social Representations, reveals that structural suffering unfolds into three dimensions: overload due to deviation of duties, in which the teacher assumes the role of a universal caregiver under unachievable goals; the precariousness of infrastructure, which leads professionals to rationalize institutional neglect as heroic acts; and the medicalization of the routine, evidenced by high absenteeism and dependence on psychotropic drugs (Moscovici, 2012; Souza et al., 2026).

Illness materializes as a direct reflection of labor precarization, converting intersectoral requirements into conflicts between accommodating demands and political resistance. Given this scenario, actions focused on self-care, the promotion of self-efficacy, and the resignification of professional purpose consolidate as vital strategies for resilience and the preservation of occupational health (Souza et al., 2026a; Souza et al., 2026b).

Final Considerations

The findings reiterate that the social representations of health and education coordinators regarding mental health are anchored in labor precarization and the pressures of intersectorality. Psychological suffering demands moving beyond palliative measures, integrating organizational reforms with the strengthening of self-efficacy and professional purpose. The resignification of the work environment is essential to convert resistance into accommodation, consolidating support networks that protect the subjectivity of managers and implementers of public policies.

References

BARDIN, L. Content analysis. Lisbon: Edições 70, 2012.

BRAZIL. Law No. 14,819, of January 16, 2024. Establishes the National Psychosocial Care Policy in School Communities. Brasília, DF: Presidency of the Republic, [2024]. Available at: planalto.gov.br. Accessed on: May 8, 2026.

MOSCOVICI, S. Psychoanalysis, its image and its public. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, M. P. et al. Rastreamento de sofrimento mental entre profissionais da Atenção

Primária à Saúde. Revista Eletrônica Interdisciplinar, Barra do Garças, v. 18, n. 1, 2026a. Available at: http://revista.univar.edu.br/rei/article/view/856/743.

SOUZA, A. L. O. et al. Entre a vocação e o desgaste: um estudo sobre a Síndrome de Burnout na trajetória profissional de docentes da rede municipal. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 12, n. 1, Jan. 2026b. DOI: doi.org/10.51891/rease.v12i1.23855.

Introducción

El Programa Salud en la Escuela (Programa Saúde na Escola - PSE), instituido en 2007, articula la Salud y la Educación para ofrecer un acompañamiento integral a los estudiantes de la red pública, interviniendo en desafíos clínicos y sociales esenciales para el éxito pedagógico. Amparado por la Ley Nº 14.819/2024, el apoyo a la salud mental en el PSE permite analizar las representaciones sociales de los coordinadores sobre el bienestar laboral, moldeando el sentido común de estos grupos respecto a la salud en el trabajo.

Esta integración de directrices fomenta reflexiones sobre las experiencias de estrés, materializándose en redes de apoyo cotidianas o, ante la ausencia de estas, en manifestaciones de síntomas colectivos. Frente a este escenario, el objetivo de este estudio es comprender las representaciones sociales sobre el enfermar y la sobrecarga de trabajo de profesionales de la salud y de la educación en la implementación del PSE.

Metodología

Este estudio constituye un recorte de la investigación matriz “Representaciones Sociales de adolescentes, profesionales de la salud y educación sobre el Programa Salud en la Escuela”, delimitado a partir de la prominencia de la categoría salud mental y sobrecarga de trabajo. Se adoptó un enfoque cualitativo fundamentado en la Teoría de las Representaciones Sociales (TRS). La investigación se realizó en Pelotas/RS, abarcando dos Unidades Básicas de Salud (UBS) y tres escuelas seleccionadas por vulnerabilidad territorial. La muestra incluyó a 15 participantes: dos coordinadores de UBS y 13 gestores escolares. Los datos, recolectados mediante entrevistas semiestructuradas, fueron examinados vía Análisis de Contenido (Bardin, 2012) por medio de

codificación y categorización. En conformidad con las Resoluciones Nº 466/2012 y Nº 510/2016, la investigación fue aprobada por el Comité de Ética e Investigación de la Facultad de Enfermería de la Universidad Federal de Pelotas (88875125.3.0000.5316).

Resultados y Discusión

El análisis de los discursos de los coordinadores de salud y educación evidencia que el enfermar físico y mental se percibe como consecuencia directa de la sobrecarga laboral, de la presión por indicadores de desempeño y de la precariedad estructural institucional.

“Entonces, tienes que hacerte cargo de todos, el individuo en la esfera total en todos los niveles de su desarrollo, solo que no siempre lo logramos (EU1).”

“Ah, ellos me responden: 'solo falta esto', 'ah, déjalo para después', 'vamos a programar otra fecha, esta fecha no se puede'. Por la alcaldía se tiene que hacer... Por culpa de los índices (EU2).”

“Con respecto a lo mental, como tuvimos ese cambio en la institución, que fue un cambio drástico, nos quedamos con pocos empleados actuando con un número bastante expresivo de niños, entonces existen algunos desafíos. Pero, a veces, da un agotamiento porque no es fácil (EE2).”

“Sí, la clase de profesionales está muy enferma. Los profesores tienen una demanda de la que no pueden hacerse cargo. Esa demanda profesional sobrepasa la educación, va llegando a una demanda de asistencia de salud y el profesor es una clase que intenta atender todas las demandas y termina enfermándose a sí propio (EE3).”

“El profesor, la escuela es un sector muy enfermo, el profesional de la educación termina adoptando demandas que no le competen. Nosotros no tenemos formación para hacernos cargo de las demandas que llegan a la escuela, nuestra formación es alfabetizar, hacer que el alumno se emancipe dentro de una sociedad, hacer que el alumno tenga autonomía, eso es lo que sabemos hacer. Entonces, yo entiendo que la salud mental del profesor, hoy, es un factor de riesgo para el funcionamiento de la escuela y para la atención de esos niños también (EE4).”

“Mira, es difícil esa pregunta, así, porque, eh, el, el contexto escolar, así, te, te deja medio enferma, ¿no? Not Clinical o por los niños, no por la, eh, por el contexto, así, de, que los niños traen para, para nosotros, ¿no?, ...entonces, yo creo que el profesor, el profesional de la educación está enfermo, ¿no? Y, y yo me incluyo en ese, en esos, enfermo, así, solo que yo procuro ni pensar mucho, ¿no? Ahí mismo, en nuestro grupo, yo soy la única que no toma medicamento, por el momento. ¿No? (EE5).”

“Nosotros, en realidad, no tenemos apoyo ninguno, principalmente un apoyo psicológico, que sería lo esencial. Porque tenemos una demanda muy grande de cosas muy malas con las que hay que lidiar en el día a día y ahí, terminamos siendo la escucha, terminamos siendo el refugio, terminamos siendo el abrazo, pero entonces, ¿quién es ese refugio, quién es esa escucha para nosotros? En fin, eso no somos solo nosotros, como equipo directivo, son principalmente los profesores en el aula, ¿no? (EE6).”

“Vivimos de licencia médica aquí en la escuela, los profesores viven de licencia, principalmente por la cuestión de la salud mental y las enfermedades infectorrespiratorias, que es lo que más afecta hoy en día. Entonces, es seguido, ahora mismo estoy con tres profesores ausentes por licencia médica, porque se contagiaron de síndromes gripales, ¿no? Entonces, es muy complejo, así. Y la cuestión de la salud mental también es muy fuerte (EE7).”

“Tanto es así que muchos profesores se jubilaron, está en una fase en que las personas de más edad se jubilaron. Entonces, tanto es así que en nuestra red estamos con falta de profesores, y los que se quedaron todavía luchando volvieron al aula, pero cansados, estresados, enfermos, tanto física como mentalmente. Entonces es muy complicado, es una red enferma, y eso termina reflejándose en los alumnos; si tú no estás bien, vas a un aula, un alumno pelea con el otro, o grita, no tienes un control emocional (EE8).”

“Afectadas, afectadas, con un agotamiento mental muy grande. Todo el mundo intentando dar lo mejor de sí. Quien trabaja en el área de la educación, hoy en día, encuentra un escenario muy difícil de lidiar... Yo veo hoy en día que todo el mundo está dando lo mejor de sí, pero parece que lo mejor todavía no es suficiente (EE9).”

“Cansador, porque hay mucha cosa, ¿sabes? Y nuestra estructura, así, de la escuela, a veces no lo logramos; yo creo que hacemos milagros aquí, ¿sabes? Porque a veces nos gustaría ofrecer una estructura mejor para ellos. Por ejemplo, necesitábamos más aulas, no tenemos un patio adecuado para ellos, queríamos un gimnasio, queríamos cambiar de edificio. Una serie de cosas, así. Pero es cansador, nos cansamos. Pero, aun así, salimos de aquí realizados de ver cosas que podrían ser mucho mejores si tuviéramos una estructura mejor (EE10).”

“Yo lo encuentro un gran desafío así, principalmente de la educación... Sin paciencia también con los adolescentes. Creo que es una cosa muy complicada (EE11).”

“...están muy afectados psicológicamente, están cansados, están exhaustos. Incluso la mayoría de ellos habla esa parte que comenté, que es parte de la salud, los profesores están teniendo que lidiar con eso, entonces están absorbiendo mucho esas cuestiones de los alumnos, y se están enfermando mentalmente. Ah, ni sé si, así, mira, la gran mayoría toma medicación para poder venir a trabajar. Inclusive yo (EE12).”

La organización categorial, anclada en las Representaciones Sociales, revela que el sufrimiento estructural se despliega en tres dimensiones: la sobrecarga por desviación de funciones, en la que el docente asume el rol de cuidador universal bajo metas inalcanzables; la precariedad de la infraestructura, que lleva a los profesionales a racionalizar la negligencia institucional como actos heroicos; y la medicalización de la rutina, evidenciada por el alto ausentismo y la dependencia de psicotrópicos (Moscovici, 2012; Souza et al., 2026).

El enfermar se corporiza como un reflejo directo de la precarización laboral, convirtiendo las exigencias de intersectorialidad en conflictos entre la acogida de las demandas y la resistencia política. Ante este escenario, las acciones enfocadas en el autocuidado, el fomento de la autoeficacia y la resignificación del propósito profesional se consolidan como estrategias vitales de resiliencia y preservación de la salud ocupacional (Souza et al., 2026a; Souza et al., 2026b).

Consideraciones Finales

Los hallazgos reiteran que las representaciones sociales de los coordinadores de salud y educación sobre la salud mental están ancladas en la precarización laboral y en las presiones de la intersectorialidad. El sufrimiento psíquico exige superar las medidas paliativas, integrando reformas organizacionales al fortalecimiento de la autoeficacia y del propósito profesional. La resignificación del ambiente de trabajo es esencial para convertir las resistencias en acogida, consolidando redes de apoyo que protejan la subjetividad de los gestores y ejecutores de las políticas públicas.

Referencias

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2012.

BRASIL. Lei nº 14.819, de 16 de janeiro de 2024. Institui a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares. Brasília, DF: Presidência da República, [2024]. Disponible en: planalto.gov.br. Acceso el: 8 mayo 2026.

MOSCOVICI, S. A psicanálise, sua imagem e seu público. Petrópolis: Vozes, 2012.

SOUZA, M. P. et al. Rastreamento de sofrimento mental entre profissionais da Atenção Primária à Saúde. Revista Eletrônica Interdisciplinar, Barra do Garças, v. 18, n. 1, 2026a. Disponible en: http://revista.univar.edu.br/rei/article/view/856/743.

SOUZA, A. L. O. et al. Entre a vocação e o desgaste: um estudo sobre a Síndrome de Burnout na trajetória profissional de docentes da rede municipal. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, v. 12, n. 1, ene. 2026b. DOI: doi.org/10.51891/rease.v12i1.23855.

Palavras-chave: representações sociais;adoecimento laboral;programa saúde na escola;sobrecarga de trabalho;saúde mental social representations; work-

related illness; school health program; work overload; mental health
representaciones sociales; enfermedades relacionadas con el trabajo; programa de salud escolar; sobrecarga de trabajo; salud mental.